

## GUIA DE LEITURA

PUBLICADA NA EDIÇÃO DA CARTA ENCÍCLICA LOUVADO SEJA DE PAPA FRANCISCO, PELAS  
EDIÇÕES SAN PAOLO, CINISELLO BALSAMO (MILÃO) 2015

O Santo Padre Francisco, no final desta encíclica, antes de propor as duas orações conclusivas (belíssima e memorável a *Oração pela nossa terra*, no n° 246), afirma ter realizado uma “longa reflexão, jubilosa e ao mesmo tempo dramática”. Atrevo-me a dizer que é a alegria que prevalece – e afirmo isso como leitor descrente –, embora os pressupostos sejam profundamente dolorosos. É a alegria de poder acreditar numa mudança revolucionária e numa nova humanidade. É a alegria que transborda das palavras de Francisco, cheias de esperança, mesmo quando descrevem os piores desastres que estamos vivendo.

Esta encíclica, em primeiro lugar, é uma tomada de consciência dura, mas objetiva, da realidade da nossa casa comum, a Terra com a sua Criação. É uma análise muito lúcida sobre a extensão do dano que causamos a coisas e pessoas com a imposição do nosso modelo de desenvolvimento de forma insensata, pelo qual deixamos nossa política render-se à economia, e a economia, à tecnologia. A primeira parte é uma síntese perfeita e altamente educativa da situação em que se encontra o mundo: poluição e mudança climática, questões relativas à água, perda de biodiversidade com a consequente deterioração da qualidade da vida humana, degradação social e disseminação da injustiça num mar de indiferença e de aparente impotência.

Um quadro que não deixa espaço a dúvidas, nem mesmo científicas: “Sobre muitas questões concretas, a Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover um diálogo honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões. Basta, porém, olhar a realidade com sinceridade para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum” (n° 61). Trata da realidade de uma forma crua, mas não interpretável; e parte da realidade, que muitas vezes e de uma forma nada casual serve como fundamento para a encíclica, para as considerações seguintes.

Saber olhar com a mesma capacidade de se surpreender e de se sensibilizar pela beleza da Criação que tinha São Francisco – a prova dessa grandiosidade está no título, *Laudato si'* (louvado seja) –, que também significa saber perceber um estado humano que já não é mais adequado à casa comum, e mergulhar plenamente no nosso tempo. A menção a “cultivar e guardar”, como está escrito no Gênesis (2,15), repetida várias vezes nas páginas sucessivas, é, ao mesmo tempo, uma referência a algo antigo e ancestral, que exige, desde o início dos tempos, que vivamos em equilíbrio com a nossa natureza mais profunda de seres humanos. De qualquer forma, torna-se um compromisso revolucionário para o futuro. Não há dúvida de que essas palavras representam um dos momentos de mudança mais importantes da história da Igreja e, sobretudo, da humanidade.

A novidade está, acima de tudo, na mensagem universal da qual Francisco é o porta-voz: ele, como sempre afirmou desde o início de seu pontificado, quer falar também aos que professam outras fés e aos não crentes, e faz isso escolhendo um tema de grande atualidade e, ao mesmo tempo, atemporal, eterno, pois transcende realmente a vida terrena do homem. Francisco fala a todos, como João XXIII em *Pacem in terris*, em 1963, que dedicou o texto “a todos os homens de boa vontade”. Há um grande chamado ao diálogo entre religiões, entre ciência e religião, entre conhecimentos tecnológicos (e tecnocratas) e sabedorias antigas, entre paradigmas e entre todos os homens. Ninguém deve sentir-se excluído das palavras do Santo Padre: ninguém pode ficar indiferente diante da descrição da dramática realidade na qual vive. Precisamos “nos sentir unidos por uma preocupação comum” (nº 7).

Não são poucos os cientistas que preveem um futuro da Terra onde, mais cedo ou mais tarde, a raça humana se extinguirá se continuar consumindo mais recursos do que a natureza dispõe. Papa Francisco também escreve: “Se alguém observasse de fora a sociedade planetária, maravilhar-se-ia diante de um comportamento que, às vezes, parece suicida” (nº 55). Esses cientistas também concordam que o fim da humanidade não seria o fim do planeta, a biosfera sobreviveria à espécie humana sem muito esforço, adaptando-se ao seu complexo sistema de interações entre seres vivos, vegetais ou animais. “Nós não somos Deus. A Terra existe antes de nós e foi-nos dada” (nº 67). Por um lado, a hipótese de extinção humana, que não considero totalmente improvável, leva-nos a intuir como, mesmo para quem vive uma

dimensão espiritual diversa, a vida terrena deve obrigatoriamente assumir uma abordagem renovada em relação à história do mundo. Por outro lado, tudo isso nos leva a interagir de uma forma ainda mais responsável com o resto dos seres vivos.

É algo que não pode mais ser adiado, para que a nossa existência se torne mutuamente profícua no planeta, para preservá-la em favor das gerações futuras, mas sobretudo da própria Criação: um sistema tão complexo, que o homem ainda não conhece plenamente, onde o indemonstrável – com os meios científicos disponíveis – tem ainda um peso decisivo na ordem das coisas, misterioso para quem não crê, que tem relação com o próprio íntimo e a fé para os crentes, caracterizado, porém, por uma beleza que nos obriga a assumir as nossas responsabilidades. Várias vezes, Francisco fala de beleza como critério estético e espiritual, que deve guiar a nossa ética e a nossa política. A mesma beleza cantada por São Francisco de Assis.

Na exortação a cultivar e guardar, para além de um sentido filosófico e teológico epocal, que se resume na definição de “ecologia integral” – algo atemporal, que exige que trabalhemos para construir um novo humanismo e mudar os paradigmas dominantes – conseguimos vislumbrar algumas questões urgentes que podem ser definidas como políticas: são tão perturbadoras, que nos levam, sem muita possibilidade de escolha, a uma mudança radical, que deverá renovar tanto o homem como as coisas realizadas pelo homem. No texto de Francisco, não faltam referências claras e transparentes a um sistema técnico financeiro que não funciona e que tem demonstrado ser incompatível com uma sociedade harmoniosa e justa. Não apenas isso, mas a centralidade da política, entendida como capacidade de projetar o mundo que queremos e de realizar as escolhas necessárias para realizá-lo, é reafirmada pelo Santo Padre diante de um momento histórico no qual a perseguição quase espasmódica do lucro impede que os governantes tomem decisões sensatas, abrangentes, capazes de imaginar um futuro além das campanhas eleitorais. “O tempo é superior ao espaço”, reitera Francisco, mencionando a sua *Evangelii gaudium*, mas parece que a política ainda não se deu conta.

Falar de uma ecologia que começa dentro de nós e reverbera-se para fora em toda a sua potência, com ações concretas que trazem paz e um bem-estar pleno e compartilhado por todos e por tudo, inevitavelmente nos leva a olhar, sem filtros, para o empobrecimento dos

recursos naturais, para as possibilidades futuras que negamos a nós mesmos, para a degradação da nossa existência.

Neste triste quadro que reduziu a condição humana a algo miserável, seja para os muitos que vivem na pobreza, seja para os que estão rodeados de riqueza, e que perdeu completamente o significado do verdadeiro bem-estar interior e social, prevalecem, como são definidas pelos sociólogos, as “relações pobres”: meras relações utilitaristas entre o homem e as coisas, mas também entre os próprios homens. Enquanto uma coisa – ou um ser vivo, ou mesmo uma pessoa – servir para um determinado objetivo e me der aquilo que eu quero, eu a utilizo ou mantenho uma relação com ela. Mas, assim que a minha necessidade for satisfeita, a coisa, o ser ou a pessoa são descartadas, jogadas fora, acaba-se a relação. É a cultura do descarte, o consumismo que tenta preencher os nossos vazios. Fazemos a mesma coisa com a natureza e também com os nossos irmãos e irmãs que morrem de fome e desnutrição, que são vítimas da pobreza, com quem não temos relações diretas e que não podem nos dar nada daquilo que precisamos: a sua fome e a sua condição são, a nossos olhos, algo fatalmente inevitável, algo que pertence ao mundo e que não se pode mudar, como se fosse uma questão de sorte ou azar. Em poucas palavras, algo intolerável, e isso é assustador. Significa que a ruptura pode ser irremediável: “O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas estas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo” (n° 70).

A encíclica pede que se parta dos recursos, da terra, da água, da agricultura e do alimento, ou seja, de um aflato ecológico que também inclui o homem e não pode mais tolerar as injustiças que perpetramos, tanto contra a natureza como contra os nossos irmãos e irmãs. Uma nova ecologia que começa de muito longe, dos próprios textos bíblicos – “Nestas narrativas tão antigas, ricas de profundo simbolismo, já estava contida a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros” (n° 70) – e que hoje exige uma “conversão” (n° 216). Afinal, as próprias revoluções mais recentes, como a Revolução Francesa, defendiam a liberdade, além da igualdade e do valor da fraternidade.

Com o passar do tempo, com a história, esse último valor perdeu-se, e a fraternidade tornou-se a irmã pobre da liberdade e da igualdade. A mais descuidada é aquela em cujo nome se realizaram menos lutas sociais. É um erro: sem fraternidade não pode haver liberdade e igualdade, a fraternidade é um pressuposto fundamental.

É esta a “ecologia integral”: ambiental, econômica, social, cultural, do cotidiano, que protege o bem comum e sabe olhar para o futuro. “É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração”, como disse Francisco em sua primeira homilia no início de seu ministério. E aqui chegamos à política: a exortação de Francisco é, historicamente, quase inédita, pois pode mover as consciências não apenas do mundo cristão. É verdade: é necessária uma mobilização das almas de todos, um movimento global de opinião que enfrente, finalmente, as injustiças humanas e ecológicas, e que queira resolvê-las, no interesse do gênero humano. Tenho certeza de que não apenas o mundo cristão responderá positivamente, mas também grande parte do resto da humanidade. Quem tem fé, quem professa outras religiões ou outras formas de espiritualidade, não pode ficar indiferente e, ao mesmo tempo, o convite ao mundo dos ecologistas a se unir, deixando de lado as contraposições ideológicas, chama para uma união realmente universal, também com a parte leiga da humanidade, que realizou tantas lutas em nome de alguns dos princípios para os quais Francisco nos chama a atenção.

Como sublinhou o Papa em seu discurso na FAO, no dia 11 de junho passado, é especialmente vergonhoso o escândalo da fome, não solucionado, apesar do compromisso de organizações internacionais. As causas da fome e desnutrição no mundo, hoje, são mais ou menos evidentes a todos, dependem de uma perversa e injusta distribuição de recursos, da depredação realizada por algumas sociedades e países em detrimento de outros, das guerras, de uma falta generalizada de fraternidade entre os homens e as mulheres, obcecados pela ilusão de dominar tanto a natureza como os mais fracos, buscando uma forma de bem-estar material que se traduziu no chamado consumismo, com sua ideologia consumerista. Em poucas palavras, falta a “ecologia integral”. O compromisso de garantir a todos o direito ao alimento e à água (nesta encíclica, a acusação contra quem privatiza a água não tem apelação: cfr. n° 30) deve tornar-se a missão principal do novo humanismo almejado por Francisco. É

impossível não estar de acordo.

Pode parecer um compromisso gigantesco, mas as palavras do Papa nos levam a compreender como, mesmo em nosso dia a dia e em nossas vidas, é possível fazer alguma coisa. Educar-se para um novo estilo de vida, promover um paradigma diferente, o “descrescimento” dos que têm em excesso e a sobriedade como valor universal é tarefa de cada um de nós. E não faltam exemplos. O interessante é que devemos começar justamente pelos mais humildes: não apenas para defendê-los e protegê-los, mas vendo como se comportam, como vivem o mundo, apesar das dificuldades. Se penso no mundo rural, vejo que nos campos do mundo todo, onde vivem muitos dos que sofrem, há muitos idosos que são os guardiães dos conhecimentos agrícolas sustentáveis; há mulheres que não apenas cozinham e preparam a comida, mas são quem mais trabalha no campo e, em muitos países, quem realiza as tarefas mais duras. Há jovens que estão voltando para o campo e que não abandonam sua terra para continuar a cultivá-la e protegê-la; há os aborígenes, aos quais o Sando Padre dedica páginas belíssimas nesta encíclica (por exemplo, nº 146), que com suas cosmogonias sabem como cultivar uma relação harmoniosa com a natureza que os rodeia e com os recursos que têm à disposição. Os humildes são os mais próximos da terra: a própria etimologia da palavra indica: *humus* e, do sânscrito, *bhumi*, de onde origina a criatura da terra *bhuman*, o ser humano. Mas também são, como diz Francisco, os mais próximos de Deus. Os pobres e os sofredores também devem ser ouvidos. De Jó (7,5-7): “A minha carne está vestida de vermes e de crostas terrosas; a minha pele se encrosta e de novo supura. Os meus dias são mais velozes do que a lançadeira do tecelão e se findam sem esperança. Lembra-te de que a minha vida é um sopro; os meus olhos não tornarão a ver o bem.” É quase inútil lembrar que a referência a essa velocidade que impede que o olho veja bem é exatamente aquilo que nos acontece na frenética sociedade de consumo, onde corremos para satisfazer necessidades efêmeras, esquecendo as nossas responsabilidades, a capacidade de escolher – toda compra de alimentos tem uma importância fundamental, pois aquilo que comemos orienta aquilo que cultivamos e como cultivamos; aquilo que protegemos e como protegemos – e, por fim, a capacidade de ouvir o outro: tudo isso faz com que fiquemos surdos e cegos, tolerando a destruição da Criação e dos outros.

Esperamos que a exortação de Francisco, com sua força perturbadora, possa mobilizar

concretamente almas e corpos; e tem boas chances de mobilizar, pois o chamado, nas últimas páginas, é explícito. O Santo Padre não é o único, embora seja o mais influente, a lançar apelos para cuidar do meio ambiente, para preservá-lo, adotando modelos de desenvolvimento que respeitem a terra. A sua voz, límpida e lúcida na profundidade da mensagem, rica de uma prosa educada e firme, une-se à voz dos muitos comprometidos com a missão de mudar o sistema tecnoeconômico dominante e o sistema político do qual é vítima. O chamado não deve servir apenas para refletir sobre a nossa condição, mas nos levar a agir, do particular ao global, sem hesitações. A mudança tem relação com o nosso ser, e as ações que deveriam seguir vão das nossas escolhas cotidianas (de possuir) até gerar uma onda que obrigue quem tem mais poder a implementar todas as iniciativas necessárias para inverter o rumo. No quinto capítulo, “Algumas linhas de orientação e ação” (nnº 163-201), Francisco fala do valor irrenunciável das políticas locais e, também, das responsabilidades, muitas vezes ignoradas, da política internacional, propõe novos sistemas para governar o mundo de uma forma compartilhada e mais concreta, pede diálogo e transparência na tomada de decisões.

Acredito que esta encíclica não agrada a muitos poderosos (por exemplo, quando se refere às monoculturas, ao poder das transnacionais do alimento e das sementes, a reflexão sobre os transgênicos) e, por isso, será muito criticada por alguns, mas é o que uma multidão enorme de seres humanos pedia e esperava (era necessário) para imprimir uma nova força e luz no caminho da mudança, que obviamente não poderá ocorrer sem a oposição de quem defende o *status quo*. No passado, outros papas já trataram o tema em outros documentos (a referência a João Paulo II e Bento XVI é constante; há uma contínua menção às Conferências dos Bispos de todas as partes do mundo), já compartilhado por outras confissões (a referência ao Patriarca Bartolomeu é clara na introdução, nº 8), mas nunca havia sido abordado de uma forma tão clara numa mensagem do porte de uma encíclica. É uma “reconexão” entre o homem e a Criação, o restabelecimento de uma relação que se interrompeu, talvez por alguma interpretação anterior da doutrina. Acreditar que o homem deva dominar a natureza e dispor dela como quiser não deve levar a pensar que qualquer tipo de desastre seja permitido. A natureza humana é diferente da vegetal ou animal, mas também é verdade que o contexto em que o homem vive é um sistema de conexões, evidentes ou escondidas, claras ou misteriosas. Preservar, guardar e cultivar esse sistema é nosso dever, pois é do nosso próprio interesse: sobrevivência, existência, plenitude de espírito e, por fim, paz. Alegria.

Convido a aprofundar, nas páginas a seguir, o sentido dessa paz, essa alegria da qual fala o Santo Padre. Vale para todos os seres humanos. E depois de ler, fortalecidos por essa alegria e não mais perturbados pela dramaticidade da denúncia, nascerá o nosso desejo de construir, de “cultivar e guardar”. Voltando a São Francisco, há uma frase a ele atribuída que me parece uma conclusão perfeita para qualquer debate sobre o documento do Santo Padre: “Comece fazendo o que é necessário, depois, o que é possível e, de repente, você estará fazendo o impossível”. Nada deve nos assustar nessa tarefa para a qual somos chamados, crentes ou não crentes. Se nos parecer impossível, ficaremos surpreendidos ao realizá-la, com a mesma surpresa diante da contemplação da Criação, da beleza. Restabeleceremos uma relação harmoniosa com a natureza, seremos parte dela e nada nos será negado, na sobriedade, na valorização das diversidades humanas e naturais, chegaremos também a debelar a fome e a desnutrição e, tarefa ainda mais difícil, encontraremos uma paz entre todos os homens e mulheres, que dará um significado renovado, um renovado prazer, de saber estar no mundo.

CARLO PETRINI

*Presidente e fundador do Slow Food*

*TRADUÇÃO Flora Misitano*

*EDITORAÇÃO Sandra Talone*